

ACIDENTE NA MESA DE JANTAR

Yuri Claro (UENP)¹

Quando os vermes irromperam do meu peito numa profusão de pus e sangue podre na mesa de jantar não havia mais como esconder que eu estava morto. Todos ficaram chocados, talvez a pergunta que se passasse pela suas cabeças fosse “o que”, ou ainda somente terror que não admite curiosidades. Já eu pensava na brisa perpassando o rombo na parte superior do meu tórax, elíptico, com uma clara visão de costelas partidas e ausência de um coração, atestada pelo buraco de artérias incompletas. Por faculdades desconhecidas na minha formação, aquele formato exato aliado ao vento produzia um som semelhante ao dobrar de um único sino, como se houvesse tocado sempre dentro de mim e agora escapasse de sua catedral de ossos. Os vermes dançavam em convulsões na sopa de feijão enquanto observava-os com olhos desfocados, talvez até meio estrábico, pensando em nada demais. Logo o ar pesado rompeu e eu resolvi que deveria cair, para frente ou para trás, não fazia diferença. Deixei-me como um pêndulo por cima do prato purulento, respigando meus restos mais desprezíveis em todos ali, secretamente rindo, por fora encenando um descanso prematuro e turbulento. Por alguns segundos pensei no que se faria daquela situação, e de mim, pois era um corpo, e morto, mas abandonei essa preocupação quanto antes, já não era mais tarefa minha. Enquanto embalavam-me em um saco preto, sendo obrigado antes disso a ouvir afirmações médicas de pouca habilidade, me perguntei se lembrava há quanto tempo tinha morrido. Divaguei nesse assunto no caminho até o necrotério, a gente morre sem saber e quando vê já está morto, e tão morto que até apodrece em pleno jantar de família. Eu estava morto fazia tempo e isso era certo. Um processo lento que só me dei conta meses antes. Enquanto fingia a minha inércia, ao favor das lombadas, precisei o início da minha morte com a vida adulta. Cada beliscão na alma era então, conseguia bem identificar agora, uma pequena morte. Fui então morrendo como se vai vivendo, de dentro para fora, aos poucos. Asseguro que primeiro morri de alma e depois de corpo, não que agora importe alguma coisa com esse buraco no meu peito onde tinha um coração um novelo de vermes. O corpo começou a morrer faz pouco tempo. Percebi quando, numa quina, deixei meu dedinho do pé. Essas pequenas avarias são fáceis de

¹ Graduando da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Campus Jacarezinho. E-mail: yuriclaro@gmail.com.

esconder, uma meia e um sapato, não tiro pois tem mau cheiro, e é verdade. Venho escondendo essas faltas, dedos principalmente, só hoje que me acontece essa explosão. Primeira vez, provavelmente a última também. Apesar disso eu fiquei feliz por escandalizar todo mundo, quem pode dizer que virou um poema de Augusto dos Anjos na mesa de jantar. Eu posso, mas logo estarei numa gaveta, além disso, tenho de manter silêncio. Minha curiosidade é por quanto tempo conservo a consciência, qual estado de podridão posso chegar sendo eu. Minha vontade é me amarrar a esse mundo até que arranquem-me a força dele, não seja confundido com paixão pois se sobra alguma coisa em mim é o que tem todos os mortos, acidez e pertinácia. A gaveta do necrotério é fria, posso sentir através do saco. Vão me embalar lá no escuro por quanto tempo indefinido, pouco. Estou, afinal, apodrecendo. Logo me vou para a casa funerária e me dão roupas novas, talvez daí eu descubra o que quero fazer.